

SOBRADINHO I

ONDE MORA ROBERTO DOS SANTOS JÚNIOR

2006

1973

Ilhada por condomínios e pela vizinha de mesmo nome, ela agora tem comércio auto-suficiente

A serra pede mais lazer

FABIOLA GÓIS

DA EQUIPE DO CORREIO

A serra Sobradinho ainda era deserta quando abrigou a família do servidor público Roberto dos Santos Júnior, 37 anos. A vegetação do Cerrado imperava no lugar criado para abrigar os operários que vieram construir a capital idealizada por Juscelino Kubitschek. Nas ruas, todo mundo se conhecia. Era clima de cidade do interior. Sobradinho é mais velha do que Brasília apenas 22 dias. Até hoje, Roberto vive na mesma quadra, na mesma rua, na mesma casa. Foi lá onde deu os primeiros passos, o primeiro beijo, jogou a primeira pelada. Casou-se, teve filhos, cuida da mãe. "Adoro viver nessa cidade", resumiu.

A funcionária aposentada da extinta Sociedade de Abastecimento de Brasília (SAB) Rita Martins Pereira Santos ganhou uma pequena casa na quadra 01. Na época, a empresa tinha um programa habitacional para o quadro de empregados. Mudou-se do Setor de Indústrias Gráficas quando Roberto tinha pouco mais de 1 ano. Queria dar uma vida melhor para o filho.

O servidor público lembra bem dos primeiros anos em Sobradinho. "Todo aniversário da cidade, no dia 13 de maio, as escolas públicas e particulares promoviam um desfile cívico. Havia gincanas, jogos e corrida de bicicleta", contou. Roberto estudou no Centro Educacional João Wesley, que não existe mais. Fez da 1ª à 8ª séries. O 2º grau cursou no Colégio La Salle, em Sobradinho.

Muito lucro

Da adolescência do servidor público foi marcada pelos bailes nos dois clubes da cidade, o Sodeso e o Bancrevia. "Aos sábados e domingos, íamos para as festas. Tínhamos poucas opções de lazer. Era lá onde encontrávamos nossos amigos", disse. Roberto, assim como outros moradores de cidades fora do Plano Piloto, reclamam da falta de opções de diversão. O único shopping da cidade foi inaugurado em novembro passado, com apenas duas salas de cinema. Muito pouco para uma população de 165 mil habitantes. A saída dos moradores é procurar lazer nos shoppings do Plano Piloto.

Um lugar que marcou a vida de Roberto e dos jovens da cidade é um bar que está para Sobradinho como o Beirute está para Brasília, o Bar do Quibe. "Não sei como ele sobreviveu tanto tempo", disse o servidor público. O estabelecimento já passou por momentos de crise, com poucos frequentadores, mas também já deu muito lucro. "Deixei muito dinheiro nesse bar", brincou.

Carlos Vieira/CB/16.4.06



São 7 mil lojas para 165 mil habitantes. E um bar que se parece com o Beirute pela capacidade de resistência ao tempo. É onde Roberto gosta de ir, depois das pescarias com os amigos do pai

Sobradinho foi considerada durante muito tempo como cidade-dormitório, aquela onde os moradores saem durante o dia para trabalhar e só voltam para dormir. Hoje a cidade tem economia própria. Sobradinho tem 7 mil estabelecimentos comerciais e como principal atividade econômica a prestação de serviços, com maior concentração no comércio. "Cresceu muito o número de agências de automóveis", observou Roberto.

E se depender dos moradores, a cidade vai crescer ainda mais em número de habitantes. Sobradinho ultrapassa todas as médias de crescimento populacional do DF. Em 14 anos, o número de moradores dobrou. Passou de 81,5 mil em

1991 para 165 mil em 2006. Os dados são da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seduh). A cada ano a população do DF aumenta em 2,11%, enquanto em Sobradinho passa dos 5% ao ano. O crescimento é atribuído à criação de Sobradinho II, há 16 anos, e à multiplicação dos condomínios de classe média.

Alegres ou tristes

Roberto teve duas filhas com a mulher, Francislene Santos, 34, também servidora pública. O casal está junto há 20 anos. Ela morava no Gama, mas passava férias na casa de uma tia, vizinha dele. Começaram a namorar em seguida. "Nos casamos há 16 anos na Igreja Bom Jesus dos Migrantes. Foi lá tam-

bém onde batizamos Roberta, nossa primeira filha", disse. A menina hoje tem 10 anos. A mais nova, Vitória, tem 4.

Francislene também adora a cidade. Gosta da tranquilidade e dos vizinhos. Mas lamenta a falta de opções de diversão. "Se queremos ir em algum bom restaurante, temos que ir ao plano. Digo o mesmo para assistir a um bom filme", citou. Quando o assunto é mudar de cidade, no entanto, ela e Roberto não pensam em sair do lugar.

O servidor público tem motivos para lá de sentimentais para não querer sair de Sobradinho. O pai, então funcionário do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), morreu durante um acidente de carro na entrada da cidade quando Roberto tinha 9 anos. Quase 30 anos depois, Roberto vai a pescaria com os amigos do pai. "A comunidade é muito unida. Vivemos como uma grande família, onde cada um ajuda o outro, seja nos momentos alegres ou tristes", comentou.

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/15.4.06

SOBRADINHO II

ONDE MORA FRANK WILLIAN

Dá para ser feliz

Ele cresceu junto com a cidade. Viu ruas serem asfaltadas, a construção do campinho de futebol, a inauguração de escolas. Frank Willian dos Reis de Oliveira, 16 anos, é o retrato do jovem morador de Sobradinho II que ama a cidade onde vive. A mãe, Nair dos Reis, 40, ganhou um lote na região quando ainda estava grávida do rapaz, seu segundo filho. Na casa simples, a mulher teve mais dois meninos. Frank joga futebol, toca bateria, anda de bicicleta e vai à escola, a poucas quadras de casa. Não estuda inglês, não faz natação e nem frequenta shoppings centers como meninos abastados do Plano Piloto. Se diverte do jeito dele. E nem por isso reclama da vida.

Sobradinho II é o que se poderia chamar na nomenclatura convencional de um bairro da homônima Sobradinho. Com menos infra-estrutura, opções de lazer e diversão. A criminalidade aumenta a cada dia. Em novembro passado, precisou ganhar uma delegacia de polícia, a 35ª DP. Em média, cinco jovens perdiam a vida todo mês por conta de brigas e rixas de moradores de quadras vizinhas,



provocadas por tráfico de drogas. Dados da Polícia Civil indicam que mais de 50 morreram nos primeiros 10 meses de 2005. Depois da inauguração da delegacia, não se tem mais notícias de homicídios do gênero.

É ali, na AR 11, quadra alvo da fúria das gangues, que Frank se diz salvo dessa vida de crime. Confessa que tem receio de passar em outras áreas onde há histórico de violência. O rapaz teve a sorte de conhecer o colega Jair Augusto da Silva Paulo, 20, filho de pastores evangélicos. Foi Jair quem iniciou Frank na música. Ensinou-lhe a tocar bateria. Passados quatro anos, o jovem se



Vivendo numa região célebre pelas brigas de morte entre gangues, Frank Willian está bem longe dessa ameaça. Praticar esportes, é baterista, tem grandes sonhos e uma família que se resolve muito bem

apresenta nos cultos durante apresentação do grupo de louvor Shekinah. "Sem dúvida foi a igreja quem me livrou do destino de alguns amigos meus. A gente estudava junto. Tem deles que hoje roubam e usam drogas."

É na bateria que Frank faz planos para o futuro. Quer continuar tocando. E assim que terminar o segundo grau — daqui a dois anos —, vai prestar vestibular para o curso de marketing. Mas para isso terá de arrumar antes um emprego que lhe garanta a matrícula em uma instituição paga. Não sabe se conseguirá passar na Universidade de Brasília (UnB).

Descaso com a gente

Os pais de Frank se viram como podem. A mãe tem um quiosque de venda de alimentos em Sobradinho. O pai, Gilvan Oliveira do Nascimento, 51, é técnico em eletrônica. Em casa, não há luxo, mas a família tem computador, televisão, geladeira e videogames. Frank fala com orgulho da profissão do pai. "Aqui em casa todo mundo sabe mexer em eletrônicos quando algum aparelho dá problema. Meu pai ensinou muita coisa ao meu irmão mais velho. Ele faz tudo no computador", contou.

Frank gosta de viver na cidade. Tem boas lembranças. No colégio onde estudou do jardim até a 2ª série, a Escola Classe 13, recorda-se que ajudava a cuidar da horta da instituição. Se não fosse a falta de opção de lazer e diversão, aliada à violência, Sobradinho II seria perfeita. "O campinho de futebol na minha quadra foi construído há 10 anos e nunca passou por reforma. É um descaso com a gente", reclamou. Era lá que Frank e os irmãos Eric, 20, e Mik, 15, passavam as tardes. Depois do descanso do almoço, corriam para o campo. Jogavam pelada com vizinhos. Improvisaram uma cesta de basquete, que se deteriorou com o tempo.

O maior campo de futebol da cidade, o Caveirão, fica ao lado do cemitério da cidade. De barro batido e sem luminárias, é lá a maior diversão de adultos, adolescentes e crianças. "Quando a gente quer fazer alguma coisa diferente, tem que ir para Sobradinho", afirmou.

O pequeno baterista evangélico pensa grande. Espera que Sobradinho II cresça, se torne independente, com jeito de cidade desenvolvida. Pede aos governantes que olhem mais para o lugar onde mora. Que invistam na educação, no lazer e na segurança. Para evitar que a violência tome o lugar da paz. (FG)